



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE HISTÓRIA**

SEBASTIÃO EDICLEY AMARAL DE VASCONCELOS

MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE DO GRILO

**CAMPINA GRANDE
2014**

SEBASTIÃO EDICLEY AMARAL DE VASCONCELOS

MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE DO GRILO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza.

**CAMPINA GRANDE
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V331m Vasconcelos, Sebastião Edicley Amaral de.
Memória, identidade e tradição na Comunidade do Grilo
[manuscrito] / Sebastiao Edicley Amaral de Vasconcelos. - 2014.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza,
Departamento de História".

1. Comunidade quilombola. 2. Memória. 3. Identidade. I.
Título.

21. ed. CDD 305.8

SEBASTIÃO EDICLEY AMARAL DE VASCONCELOS

MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE DO GRILO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura Plena
em História

Aprovada em: 05/12/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Matusaliem Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE DO GRILLO

Sebastião Edicley Amaral de Vasconcelos*

RESUMO

Neste artigo analisaremos aspectos da história e da cultura da Comunidade quilombola do Grilo relacionando os mesmos com a preservação da memória e com a construção da identidade dos moradores da comunidade. A metodologia utilizada foi a História Oral. Através de entrevistas e análises das mesmas, procuramos compreender as relações entre memória, tradição e identidade nesta comunidade. Neste sentido iniciamos com uma discussão sobre a origem e a organização das comunidades quilombolas no período colonial da história brasileira. A partir da compreensão desses aspectos apresentamos a comunidade do Grilo, analisando a sua organização, através dos relatos de alguns de seus líderes. Seguindo, analisamos algumas manifestações culturais da comunidade, a saber, a produção artesanal do labirinto, a produção da cerâmica e a permanência da ciranda enquanto momento de diversão e alegria na comunidade. Essas práticas são analisadas de forma a compreendermos o que elas representam e como contribuem na construção de laços de sociabilidade e construção da identidade do grupo estudado.

Palavras-chave: Quilombola. Memória. Identidade.

INTRODUÇÃO

A resistência à escravidão é uma temática bastante analisada pelos historiadores. Estes reconhecem que essa resistência aconteceu de diversas formas e seus múltiplos aspectos são passíveis de pesquisa histórica. Além disso, novos olhares sobre os documentos têm sido realizados e novas abordagens historiográficas têm demonstrado que a resistência à escravidão foi muito mais ampla.

*Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I
Email: sedicley@hotmail.com

Nosso interesse aqui se volta para as formas explícitas de resistência física, que foram os quilombos formados por negros fugidos no período colonial. E se, por um lado, insistimos que ocorreram diversas formas de resistência, por outro lado, logo podemos afirmar que a forma que mais despertou o interesse de controle, perseguição e preocupação por parte do governo foi exatamente em relação à formação de quilombos.

A fuga em direção à formação de um quilombo, ou à procura de determinado quilombo, era alvo prioritário de extinção para o governo luso-brasileiro no período colonial. Juntar-se a uma comunidade quilombola significava ir contra a ordem escravista estabelecida, negando-a e, portanto sendo vista como uma ameaça à mesma.

Este trabalho se insere nessa dinâmica de analisar a importância dessas comunidades enquanto foco de resistência ao escravismo e locais onde a memória, a identidade e a cultura dos africanos ou afrodescendentes foi preservada. Dessa forma, enquanto pesquisador estarei contribuindo no sentido de enriquecer as discussões sobre a temática.

O objetivo geral da pesquisa na comunidade Grilo foi o de analisar as memórias de moradores desta comunidade, que colaboraram na construção das identidades enquanto remanescentes de quilombo. Assim, escrever a história da comunidade é extremamente importante, tendo em vista que essas memórias documentadas, problematizadas, ficarão registradas para que as gerações futuras tenham acesso à história dos seus antepassados.

Além disso, o interesse pelo tema se dá também por esta comunidade ser situada no município de nossa vivência, Riachão do Bacamarte, por se tratar, de certa forma, de estarmos fazendo a história da nossa gente. A importância dessa pesquisa também se evidencia quando constatamos que não há quase nada produzido academicamente sobre a comunidade.

Com relação à metodologia utilizada na pesquisa optamos pela História Oral. Durante muito tempo, a História Oral esteve à margem do que se entende por método histórico, os registros de memórias colhidas oralmente e transcritas não eram considerados com valores documentais.

No entanto, nas últimas décadas, a História oral ganhou espaço entre os historiadores e passou a ser bastante valorizada por tornar acessíveis à pesquisa histórica aqueles que por muito tempo foram marginalizados pela escrita da História,

por não ter a possibilidade de deixar algum registro histórico escrito sobre suas vivências.

Este artigo está dividido em três partes. Inicialmente analisaremos como se iniciaram e como se organizaram as comunidades quilombolas desde o período colonial brasileiro. Discutiremos como essas comunidades eram vistas pelo governo luso-brasileiro e como era a dinâmica social, econômica e cultural das mesmas.

Seguindo adiante, discutiremos a história e a tradição na Comunidade do Grilo, caracterizando a comunidade, apresentando relatos de líderes da mesma e analisando aspectos de sua cultura como a produção artesanal do labirinto.

A terceira parte do artigo tratará da memória e da identidade da comunidade do Grilo através da análise da produção de cerâmica e da prática festiva da Ciranda. Problematizaremos essas práticas culturais e o significado das mesmas na construção da identidade e preservação da memória da comunidade.

1. ORIGEM E ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Até o início do século XX a história restringia-se à narrativa dos “grandes” acontecimentos políticos e dos feitos “heroicos” de pessoas que eram responsáveis por conduzir os destinos coletivos. Esse paradigma historiográfico, no entanto, passou a ser questionado e novas propostas para a escrita da história surgiram a partir do lançamento da Revista *“Annales d’Histoire Economique et Sociale”* na França em 1929.

Os responsáveis pela revista, Lucien Febvre e Marc Bloch travaram um verdadeiro embate com a história tradicional visando uma renovação do saber historiográfico. Segundo José Carlos Reis “Renovar-se completamente não significa negar tudo que se fazia antes, mas submeter o que se fazia antes a um novo olhar, a novos problemas, a novos instrumentos, a novos fins.” (REIS, 2004, p.66)

A proposta dos *Annales* incluía a escrita de uma história total, uma história-problema, o fato histórico como uma construção, o alargamento das fontes históricas e um diálogo com outras disciplinas. Não somente o político, mas também outras questões poderiam, a partir de então, ser objeto de estudo do historiador como a economia, o social e a cultura, pois,

[...] onde todas as relações sociais e humanas podem ser tematizadas no passado, o que se faz é recusar a distinção entre um “passado histórico” e um passado que não seria histórico e a consideração de que todo passado tem dignidade historiográfica e é passível de pesquisa histórica. (REIS, 2004, p.78)

Dessa forma, a Escola dos Annales, como ficou conhecida, trouxe à tona novas questões, novos temas e a possibilidade de se fazer a história de novos personagens. Isso possibilitou que novos atores que até então estavam à margem da historiografia entrassem no cenário histórico. As pessoas comuns passaram a ser consideradas como agentes históricos e as suas ações passaram a interessar os historiadores.

A “história vista de baixo” passou a discutir temas que antes eram impensados pela historiografia, e até mesmo a tratar temas tradicionais sob uma nova perspectiva, inserindo a participação das camadas populares nos mesmos.

Oferecendo essa abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história. (SHARPE, 1992, p.53, 54)

Dentre os novos personagens e temas passíveis de estudos e análises historiográficas podemos inserir a discussão das comunidades negras que estamos identificando como quilombolas.

A historiografia tradicional se referia aos negros escravizados vindos do continente africano como meros agentes passivos da política e da economia do sistema colonial. Em geral os escravos eram identificados como *coisa*, mercadoria, sujeitos sem história, cuja rebeldia era o único aspecto às vezes mencionado, ainda assim, não sendo satisfatoriamente discutido.

Porém, conforme Clóvis Moura observa,

[...] o escravo não era apenas coisa, de acordo com as leis do tempo. Se assim fosse não haveria outra dinâmica social durante o regime escravista além daquela que as outras classes imprimiram [...] Por mais desumana que fosse a escravidão, ele não perdia, pelo menos totalmente, a sua interioridade humana. E isto era suficiente para que, ao querer negar-se como escravo, criasse movimentos e atitudes de negação ao sistema.. (1981, p.8).

O que podemos observar, portanto, é que os escravos, longe de serem objetos passivos, tiveram importante participação na dinâmica social e econômica, além de atuarem como um dos principais componentes no desgaste do sistema escravista.

As mais variadas formas de resistência foram utilizadas pelos escravos contra a dominação senhorial, desde sabotagens, manifestações culturais até insurreições armadas. Contudo, a principal delas foi a quilombagem, ou seja, a fuga e o ajuntamento com outros escravos. Os quilombos se constituíam, portanto, em uma forma de resistência e oposição à ordem estabelecida, e nos fazem questionar a figura do escravo apresentada pela historiografia tradicional.

Discutindo a questão dos quilombos no Brasil, Clóvis Moura observa que

Quilombo era, segundo definição do rei de Portugal, em resposta à consulta do Conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740, “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. (1981, p.16).

Portanto, partindo dessa definição podemos observar que havia um grande número de quilombos no Brasil, decorrente da insatisfação dos escravos às condições que lhes eram impostas pelos seus senhores. Os quilombos existiram em todo o território do Brasil durante o período colonial até a abolição em 1888.

Não estavam restritos a um determinado lugar, nem foram um fenômeno casual, mas espalhavam-se por todas as regiões onde havia a presença da população escrava. Apesar de ser um exemplo marcante da organização quilombola, Palmares não foi um caso único, pois pequenas ou grandes, comunidades quilombolas se fizeram presentes nas mais diversas localidades do território brasileiro.

Esses quilombos tinham vários tamanhos e se estruturavam de acordo com o seu número de habitantes. Os pequenos possuíam uma estrutura muito simples: eram grupos armados. As lideranças, por isto, surgiam no próprio ato da fuga e da sua organização. Os grandes, porém, já eram muito mais complexos. (MOURA, 1981, p.17)

Os quilombos não eram um mero fenômeno social sem sentido algum. Podemos observar que os mesmos representavam a própria negação da sociedade escravocrata. Apesar de não possuir um projeto meticulosamente articulado, as comunidades quilombolas apresentavam uma dinâmica econômica, social e cultural, repleta de significados e que não deve ser escamoteada pelos historiadores.

As principais preocupações das comunidades quilombolas eram as atividades econômicas que garantiriam à comunidade o sustento necessário e as atividades ligadas à defesa do local. As forças de repressão ao ajuntamento de escravos fugidos em um quilombo eram constantes, criando-se até mesmo uma nova profissão, a de “capitão do mato”, sujeito responsável pela captura de fugitivos. Sendo assim, era imprescindível que as comunidades quilombolas mantivessem um contingente de defesa militar permanente.

Analisando a organização dos quilombos, Moura menciona que

No início, quando o quilombo era pequeno e apenas se iniciava, tinha necessidade de uma vida predatória para a sua subsistência e continuidade. No entanto, à medida que ele crescia, procurava organizar-se internamente para poder pôr em funcionamento os grupos populacionais do reduto. Com isto, tinham de surgir formas de governo, religião, propriedade, família e especialmente economia. (1981, p.34)

Embora a agricultura fosse praticada na maioria das comunidades quilombolas, a atividade econômica que predominava nas mesmas variava conforme a região onde estavam estabelecidas. Assim, havia quilombos cuja atividade principal era a pecuária, outros onde haviam atividades extrativistas e mercantis e ainda outras onde a mineração predominava, ou seja, as características econômicas predominantes da região eram determinantes na organização econômica do quilombo.

A organização política também era necessária para a vida na comunidade. Portanto, cada pessoa tinha seu papel definido e era responsável por determinada tarefa contribuindo para o fortalecimento e estabilidade do quilombo.

Também é importante destacar a ligação dos quilombolas com outros grupos sociais marginalizados pela sociedade numa relação de favores recíprocos, que demonstrava para os grandes proprietários o “perigo” que essas comunidades representavam para o sistema escravista. Dessa forma, as comunidades quilombolas representavam, não apenas uma força de desgaste na sociedade

escravista, mas também um elemento desestabilizador da mesma, apresentando uma forma alternativa de organização social.

2. HISTÓRIA E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO

2.1 Caracterização da Comunidade do Grilo

A comunidade quilombola do Grilo fica localizada no distrito de Serra Rajada na cidade de Riachão do Bacamarte no Agreste paraibano. Para se chegar ao local é necessário realizar uma longa caminhada subindo a serra na qual está localizada a comunidade. Dos pontos mais altos do local podemos enxergar as casas dos habitantes que residem no Grilo de baixo.

No alto da serra existe uma pequena parte plana, mas o caminho segue subindo por imensas pedras. Descendo e seguindo por uma gruta e um caminho estreito onde ambos os lados são cercados por lajedos, encontramos mais à frente um pequeno grupo de casas.

Os caminhos de acesso à comunidade geralmente são bem difíceis de serem percorridos, com ladeiras, lajedos e bastante acidentados. Conforme a historiografia que trata sobre os quilombos, os negros fugidos escolhiam lugares de difícil acesso para morar, embora isso não seja uma regra, tendo em vista que muitos quilombos se formaram próximos a cidades.

Segundo os relatos dos moradores o nome da comunidade é recente, mas não temos como precisar sua data. Existem várias versões sobre os motivos para tal denominação. Segundo alguns relatos o nome da comunidade do Grilo se deu por conta de um poço de água que existia na comunidade o qual nunca secava, mesmo em tempo de seca e era rodeado por grilos cantadores, que eram ouvidos de longe pelos moradores da comunidade.

Outros ainda contam que o nome teria se originado por conta das mulheres que iam em grupos lavar roupa nesse poço, daí tagarelavam tanto quanto os grilos. De modo geral, o que podemos concluir é que o nome está relacionado ao poço e seus grilos ao redor.

Com relação às casas da comunidade podemos observar que são construídas de taipas e barro, mas também de alvenaria, sendo que aquelas não são mais em grande quantidade como há alguns anos atrás, conforme o relato de habitantes do local. Geralmente as casas são bem simples, aparelhos de som, televisão e celulares são comuns na região, e, por se tratar de um lugar de difícil acesso, também é muito comum na comunidade o uso de motos para auxiliar na locomoção dos moradores.

Ainda percebemos que, embora exista um conjunto de casas próximas umas das outras, tanto na parte de cima do Grilo como na parte baixa, isso também não é regular na comunidade, pois o que se percebe são casas bem distantes umas das outras, separadas por caminhos longos e de difícil acesso. Além das casas, na comunidade também existe uma pequena capela, construída em um terreno doado por uma antiga moradora, (dona Dora, já falecida), que fica situada perto de algumas casas da comunidade.

Na comunidade também existe uma escola, a qual é bastante valorizada por ser considerada uma das maiores conquistas, por facilitar a educação fundamental das crianças da comunidade que não precisam mais se deslocar pra locais distantes para estudar. A E.M.E.I.E.F. Manoel Cândido Tenório foi fundada em 2008 e atua com turmas do Jardim I e 1º e 2º anos do Ensino Fundamental I, nos turnos manhã e tarde com 50 alunos. A escola também funciona à noite com a Educação de Jovens e Adultos, onde estudam 25 alunos.

A escola recebeu esse nome em homenagem a Manoel Cândido Tenório que foi um grande líder da comunidade e uma dos primeiros moradores da mesma. A escola tem em seu quadro docente 4 professores, Priscila Amaral de Vasconcelos, Gabriela Amaral Leal, Geovane da Silva Coutinho e Elaine Martins da Silva.

A grande maioria dos habitantes da comunidade é composta por negros e negras, mas os indivíduos brancos também fazem parte desse povoado, embora em minoria. Esta inclusão de brancos tem sido marcada também pelos casamentos inter-étnicos realizados na comunidade, o que há certo tempo não era aceito entre os negros.

Falar da gente dessa comunidade é pensar em um povo batalhador, forte, que não se abala com as lutas enfrentadas no cotidiano. Algumas resistências quanto a depoimentos dos colaboradores foram vencidas ao longo da pesquisa, de modo que muitos moradores se tornaram nossos amigos.

2.2 Cultura e tradição na Comunidade do Grilo através de fontes Orais

Segundo Peter Burke a partir da década de 1980 desponta no cenário da historiografia a Nova História Cultural como um novo paradigma “sugerindo uma ênfase em sentimentos, mentalidades e suposições, e não em uma ideia ou sistemas de pensamentos” (BURKE, 2005, p.69).

Além da história da literatura, da memória e do corpo, a cultura material representada pelo vestuário, alimentação, consumo, assumem importância no campo da Nova História Cultural. É nesse sentido que podemos observar a importância de certos elementos culturais na comunidade do Grilo que demonstram a continuidade da sua tradição histórica, podendo ser considerados fontes importantes de preservação da memória da comunidade.

Esses aspectos que se sustentam através da tradição foram colhidos via oralidade com entrevistas realizadas com os líderes da comunidade do Grilo, José Coelho Tenório (Zé Velho) e Leonilda Coelho Tenório dos Santos (Paquinha) como também com outros moradores da localidade que se relacionam com os elementos culturais envolvidos na pesquisa.

Por muito tempo o método positivista foi o método dominante nas pesquisas de História, os documentos escritos eram as únicas fontes aceitas e o passado remoto era privilegiado, pois se pensava que dessa forma a objetividade estaria garantida. A Escola dos Annales surge com novas propostas e uma delas é o alargamento das fontes históricas. A partir de então não apenas o documento escrito é fonte de pesquisa histórica, mas também um quadro, uma fotografia ou qualquer outro vestígio humano.

No entanto, conforme Alberti, (2005, p. 163) a partir da década de 1980 outras mudanças aconteceram ampliando a visão sobre o que é e como se faz a História.

Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade - temas que, quando investigados no “tempo presente”, podem ser abordados por meio de entrevistas de História oral. (ALBERTI, 2005, p.163)

É esse contexto favorável que permitirá que a História oral passe a se afirmar como uma nova metodologia de pesquisa e passe a ser valorizada como fonte para o estudo da História contemporânea. Isso não significa que ela tenha surgido nessa

década, pois o seu surgimento é geralmente atribuído a 1948, ano da invenção do gravador a fita. Porém desde o seu início até os dias atuais a História oral passou por algumas modificações.

As primeiras experiências com a História oral aconteceram nos EUA e na Europa. Nos EUA (com a fundação do Columbia University Oral History Research Office) tinha por objetivo realizar entrevistas com personagens da história americana, e considerava como documento original a transcrição e não a gravação. Na Europa foram feitas entrevistas com chefes da Resistência Francesa no imediato pós-guerra e também foram transcritos testemunhos sobre a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha.

Após essa fase, chamada por Philippe Jotard de “primeira geração” da história oral (Idem, p 157), segue-se uma História oral “militante”, que passa a fazer oposição à história positivista e entusiasmada coma possibilidade de dar voz aos excluídos da história tradicional, enfatiza a realização de “entrevistas de história de vida”.

Conforme argumenta Alberti, essa História oral “militante” contribuiu para que esse método demorasse a ser aceito e incorporado na prática acadêmica, pois aquela continha práticas que devem ser evitadas, como considerar que o relato da entrevista já é a própria História e não apenas uma fonte histórica, e a polarização gerada pelos termos “história vista de baixo”, “de cima”, dos “vencedores”, dos “vencidos”, “história democrática” e “não democrática”, etc.

No Brasil a História oral chega em 1975, ano em que começam a serem realizadas as primeiras entrevistas do Programa de História Oral do Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas.

A partir da década de 80, a história oral passou por um processo de consolidação, onde foram publicadas várias coletâneas de artigos sobre o tema, núcleos de pesquisa se formam e vários eventos, como encontros e congressos foram acontecendo, tanto a nível nacional como internacional.

Utilizando a metodologia de pesquisa apresentada acima iniciaremos analisando as entrevistas realizadas com os líderes da comunidade do Grilo. O Sr. José Coelho Tenório, conhecido na comunidade como Zé Velho tem 52 anos e mora no Grilo há 45 anos, é agricultor e estudou somente até a 4ª série do Ensino Fundamental.

Ao pedirmos para Zé Velho descrever a si mesmo e falar um pouco sobre sua vida, ele responde:

-ZÉ VELHO: Sou uma pessoa que ajuda a comunidade e sempre procura fazer o bem.

-SEBASTIÃO EDICLEY: Qual a importância dessa comunidade para você?

-ZÉ VELHO: Ela é tudo, sem ela não saberia viver. Amo esse lugar.

Esse líder da comunidade demonstra uma profunda identificação com a mesma ao afirmar que para ele a comunidade é “tudo” e “sem ela não saberia viver”. Não se trata apenas de um vínculo material com a localidade onde vive, mas de um vínculo emocional com as tradições, com a memória e com o significado simbólico que comunidade representa para o mesmo.

Outra líder entrevistada foi Leonilda Coelho Tenório dos Santos conhecida como “Paquinha”. Ela tem 53 anos e mora no Grilo desde o nascimento, também é agricultora e também estudou até a 4ª série, devido a algumas dificuldades, dentre elas a distância da escola e porque também trabalhava.

Paquinha também demonstra a sua identificação com a comunidade quilombola, ao definir a si mesma:

-PAQUINHA: Sou uma pessoa que trabalho em prol da comunidade para ajudar todos. Divido até as coisas da lavoura.

-EDICLEY: Você gosta e se sente bem morando na comunidade?

-PAQUINHA: Sim, muito bem, não vejo outro lugar para morar. A comunidade é tudo pra mim.

A partir de tais afirmações, percebemos que a comunidade do Grilo é para Paquinha muito mais do que um lugar onde ela reside, tratando-se de um lugar de múltiplas trocas, onde a líder contribui para a construção da comunidade ao mesmo tempo em que esta molda a sua própria identidade.

Paquinha também falou sobre as mudanças que ocorreram na comunidade:

-SEBASTIÃO EDICLEY: Pelo tempo em que você vive nessa comunidade, houve mudanças? Fale um pouco sobre isso.

-PAQUINHA: Sim, as pessoas que vem de fora do país e também do Brasil traz muita coisa para a comunidade, ajuda nas estradas, roupas, isso ajuda toda a população. Hoje a comunidade está conhecida em todo lugar.

Portanto, a líder se orgulha pelo fato da comunidade do Grilo ter se tornado conhecida no país e no exterior, contribuindo para que se desmistifique alguns estereótipos e a cultura da comunidade se torne mais conhecida.

Um dos elementos culturais que é encontrado na comunidade do Grilo é a prática artesanal do Labirinto. O labirinto é uma das práticas que contribuem na formação da identidade e preservação da tradição da comunidade quilombola do Grilo, reforçando os laços de sociabilidades entre as mulheres da comunidade.

Conforme os relatos das mulheres que produzem o labirinto, a atividade é transmitida de mãe para filha, que desde a infância vai aprendendo os detalhes da técnica, as diversas etapas da produção. Algumas demonstram mais experiências em algumas etapas, enquanto outras dominam todas as etapas com muita habilidade.

Arleide Santos Tenório, moradora da comunidade, tem 31 anos e faz labirinto há 17 anos de idade, considera a atividade muito importante devendo ser passada para as pessoas mais jovens da comunidade. Arleide explica o motivo:

ARLEIDE TENÓRIO: A gente faz a peça e ganha dinheiro, é um meio de sobrevivência. As meninas mais jovens se interessam muito, acham muito bonito. Algumas meninas sabem fazer tudo, todas as etapas do labirinto. Outras só sabem algumas, mas elas acham muito interessante.



À esquerda, mulher fazendo labirinto, no centro, Sebastião Edicley (pesquisador) e à direita, a líder Paquinha.

Maria Aparecida Tenório, que tem 51 anos e faz labirinto desde os 12 anos também falou sobre a produção do labirinto:

-SEBASTIÃO EDICLEY: A senhora considera que esta é uma atividade importante?

-MARIA APARECIDA: Sim, é um artesanato muito forte e não pode deixar de existir.

-SEBASTIÃO EDICLEY: Existe alguma diferença com relação à produção do labirinto, de quando a senhora era jovem aos dias de hoje?

-MARIA APARECIDA: Sim, hoje produz muito mais, a procura é grande. Antigamente tinha muita dificuldade. A gente trabalhava durante o dia e fazia labirinto à noite, não tinha luz, fazia à luz do candeeiro, hoje tudo é mais fácil.

Portanto, o labirinto é uma atividade que permanece presente no cotidiano da comunidade e pode ser considerado um bem valioso preservado pelas mesmas, Observamos, pois que há uma grande valorização da atividade entre as mulheres entrevistadas. Adriana Conceição Pereira, que tem 25 anos e faz labirinto desde os 7 anos de idade também o considera uma importante atividade.

-ADRIANA PEREIRA: É fácil de aprender, e não é tão pesado, é produtivo e ganha dinheiro. Eu aprendi logo cedo, quando era criança, e também vou passar pra minhas filhas, pra que elas valorizem essa cultura tão importante da nossa comunidade.

As mulheres entrevistadas demonstraram orgulho pela prática do labirinto, descrevendo minuciosamente como ocorre cada etapa da produção, como também da “herança” que deixariam para algumas de suas filhas que já se dedicavam à produção do labirinto. Elas mesmas começaram a fazer labirinto desde a infância ou adolescência, o que demonstra a importância da atividade como uma prática cultural e representativa da tradição no Grilo.



Moradora da comunidade fazendo o labirinto. À direita Paquinha, líder da comunidade do Grilo.

Outro aspecto relacionado à atividade é que a importância da mesma não se resume ao produto final, mas ao saber transmitido por várias gerações e a identificação da atividade como uma das que representam a comunidade, pois as mulheres da comunidade do Grilo apresentam seu artesanato como sendo uma prática própria da sua cultura, da sua gente.

Portanto, observamos que o labirinto não é uma mera atividade artesanal presente na comunidade, mas uma prática passada de geração a geração, carregada de significados e que atua como um fator muito importante na construção da identidade e na preservação da tradição da comunidade do Grilo.

3. A CERÂMICA E A CIRANDA NO GRILO: MEMÓRIA E IDENTIDADE

As atividades que estão relacionadas à memória e à identidade na comunidade do Grilo são a fabricação artesanal da cerâmica e a dança conhecida como ciranda

. Assim como o labirinto, a cerâmica é uma prática transmitida através de várias gerações e que tem uma grande relação na construção da identidade da comunidade. Os relatos sobre as atividades com a cerâmica apontam para o lugar importante que a mesma ocupava no passado e continua a ocupar no presente, ainda que os sentidos tenham se modificado.



Ao ser entrevistada Maria de Lourdes Tenório de 58 anos relembra como era a produção de cerâmica no grilo durante a sua juventude:

-MARIA DE LOURDES: Fazia panelas, chaleiras, jarros, formas e potes para beber água, fazia pra o consumo e pra vender aqui mesmo também. Era muito bom, todo mundo cozinhava com panela de barro. Era passado de pai pra filho, não era difícil fazer não.

Josefa Graciliano dos Santos foi outra ceramista entrevistada e que falou sobre a atividade.

-SEBASTIÃO EDICLEY: Quem eram as pessoas que faziam esse trabalho?
-JOSEFA GRACILIANO: As mulheres, mães, filhas e avós” faziam a cerâmica, o que demonstra que a atividade envolvia a maioria das mulheres da comunidade. Era muito bom porque ganhava dinheiro e cozinhava nas panelas de barro. Até hoje a gente ainda faz.

Através das entrevistas com as pessoas que fabricavam a cerâmica podemos perceber que além do uso no cotidiano, as peças fabricadas também eram vendidas e auxiliavam na renda dos moradores da comunidade do Grilo.

Essas pessoas em suas respostas apresentaram o fazer cerâmica como uma prática que o tempo não consegue apagar de suas memórias, e, embora a prática não seja mais essencial como atividade econômica, ainda é realizada sendo um dos elementos representativos da comunidade para aqueles que visitam a mesma.

No mais, fora das gravuras e dos livros, na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas, basta que a atenção se volte para esse lado para que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar. (HALBWACHS, 1990, p.68)

Uma atividade marcante e que evoca memórias, sentimentos e até mesmo saudades nos moradores do Grilo é a Ciranda. As entrevistas realizadas com moradores do Grilo sobre a Ciranda nos permite analisar a lugar que esta dança ocupa na memória coletiva da comunidade e na construção da identidade da mesma tendo em vista que a ciranda é uma prática muito presente na realidade e na memória dessa comunidade.

Os relatos dos moradores do Grilo enfatizam a alegria que a ciranda representava para a comunidade. Eles se referem a ela como uma festa que proporcionava muita alegria para todos, onde praticamente toda comunidade participava.

É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. (HALBWACHS, 1990, p.71)



Ciranda na comunidade do Grilo

Os entrevistados se alegram ao lembrar e contar como aconteciam esses momentos festivos. Afirmam que todos se reuniam “pegavam na mão” uns dos outros em um círculo e dançavam, saltavam e se divertiam a noite toda “até o dia amanhecer”. Os locais onde aconteçam as cirandas eram nos “terreiros”, na frente das próprias casas.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. (ALBERTI, 2005, p.167)

Embora todos pudessem participar, algumas pessoas se destacavam, o solista e o tocador, podendo ser ambos uma única pessoa. Ao se referirem às músicas podemos observar que as mesmas continham letras que faziam referências às práticas cotidianas da comunidade, aos casos de amor e aos costumes locais.

Ao perguntarmos sobre o que a ciranda representa em sua vida, Zefinha Graciano Tenório de 54 anos respondeu:

-ZEFINHA TENÓRIO: É uma cultura muito boa, nos alegra, todo mundo se junta, tem as roupas e todo mundo se diverte muito. As pessoas vem conhecer a ciranda. E quando a tem as viagens é muito bom também, todo mundo se diverte e quer viajar sempre.

Para Maria de Lourdes Cândido Tenório de 68 anos também respondeu sobre o que a ciranda representa na comunidade:

-SEBASTIÃO EDICLEY: O que a ciranda é para você?
 -MARIA DE LOURDES: é tudo, brinco muito, sem a ciranda era muito ruim porque não tem outra diversão.
 -SEBASTIÃO EDICLEY: Existe alguma diferença entre a ciranda de hoje e a de antigamente?
 -MARIA DE LOURDES: um pouco, hoje os homens e os jovens participam mais.

Jeane Viana Tenório, de 22 anos, é uma das jovens participa da Ciranda e fala sobre a alegria proporcionada pela dança para a comunidade:

-JEANE TENÓRIO: É uma coisa que alegra muito a comunidade, é muito bom conhecer as outras comunidades e outras cidades e lugares. Quando vamos viajar para outros lugares é a maior festa, vamos todos juntos e nos divertimos muito.

As entrevistadas dão muita ênfase sobre esse aspecto da ciranda, ou seja, a dança que antes acontecia apenas na comunidade, atualmente é levada pela mesma para outros lugares. Elas destacam como é importante apresentar esse aspecto cultural que faz parte de suas vidas e identidades para outras pessoas, e falam da alegria de poder viajar para outros lugares apresentando a ciranda.

[...] entre o indivíduo e a nação, há muitos outros grupos, mais restritos do que esse que, também eles, têm sua memória, e cujas transformações atuam muito mais diretamente sobre a vida e o pensamento de seus membros. (HALBWACHS, 1990, p.79)

Portanto, os relatos nos mostram a ciranda como uma atividade repleta de sociabilidades e podemos observar que mesmo sendo praticada em poucas ocasiões atualmente, a ciranda, enquanto prática cultural permanece como um dos aspectos formadores da identidade da comunidade do Grilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os relatos dos moradores da comunidade do Grilo, podemos perceber a importância de suas memórias para sua identificação enquanto quilombolas. As pessoas que foram entrevistadas reconhecem a comunidade em si e as práticas culturais aqui abordadas como partes indissociáveis de suas vidas e de suas identidades.

A análise dos aspectos artesanais da comunidade do Grilo, visou não só uma mera descrição dos aspectos materiais, mas principalmente propiciar uma discussão sobre o significado e a importância que os mesmos tem para as mulheres que o produzem.

Assim, percebemos que o labirinto é uma prática passada de geração a geração, e apenas algumas mulheres sabem desenvolver todas as etapas para chegar a uma peça em seu estágio final. A produção do labirinto é importante para as mulheres, indo além do aspecto financeiro, ao fortalecer os laços de sociabilidades entre as mesmas

Com relação à cerâmica, percebemos que essa prática busca auxiliar a vida cotidiana das pessoas que não têm condições de comprar outro tipo de louça e usam fogão a lenha, e mesmo sendo um auxílio financeiro para a família, a prática da cerâmica também contribui para reforçar a identidade cultural dos moradores da comunidade, sendo uma tradição que os acompanha por várias gerações.

Da mesma forma, a ciranda pode ser compreendida como um festejo repleto de significados. São momentos de sociabilidades entre o grupo contribuindo na construção da identidade étnica da comunidade, por meio do relacionamento com outros grupos, quando estes vão à comunidade ou quando a ciranda é apresentada em outros locais.

Dessa forma, percebemos que as memórias de um grupo dizem muito mais do que apenas informar sobre seu passado. Elas nos permitem refletir sobre seu cotidiano suas relações de sociabilidades e seus costumes. O que nossa pesquisa traz como contribuição é justamente perceber que suas memórias, suas práticas culturais, e sua organização social, mantida na fronteira com outros grupos, contribuem na construção da sua identidade étnica.

MEMORY, IDENTITY AND TRADITION IN GRILO COMMUNITY

ABSTRACT

In this article we analyze aspects of the history and culture of the Quilombo Community Grilo linking them with the preservation of memory and identity construction of community residents. The methodology used was the Oral History. Through interviews and analyzes of the same, try to understand the relationship between memory, tradition and identity in this community. In this sense began with a discussion of the origin and organization of maroon communities in the colonial period of Brazilian history. By understanding these aspects present the cricket community, analyzing your organization, through the reports of some of their leaders. Following, we analyze some cultural events of the community, namely the craftsmanship of the maze, the production of ceramics and the permanence of the sieve as a moment of fun and joy in the community. These practices are analyzed in order to understand what they represent and how they contribute in building ties of sociability and construction of the identity of the group studied.

Keywords: Quilombo. Memory. Identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos tribunais, 1990.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales – A inovação em História**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SHARPE, Jim. **“A História Vista de Baixo”**. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.